

“Ó MORTE, ONDE ESTÁ O TEU PODER?”: O USO DA PROFECIA DE OSÉIAS 13.14 POR PAULO EM 1 CORÍNTIOS 15.55

*Willibaldo Ruppenthal Neto**

RESUMO

Em 1 Coríntios 15.55, Paulo parece utilizar o texto de Oséias 13.14 para argumentar a respeito da vitória de Jesus Cristo sobre a morte, mediante a ressurreição, sobre a qual discorre no capítulo 15 de 1 Coríntios. A referência ao texto de Oséias, que aparece aqui junto a uma citação de Isaías (25.8), parece não apenas mudar as palavras como o próprio sentido original pretendido pelo profeta. Este artigo visa analisar o uso do texto de Oséias na construção teológica e retórica de Paulo e avaliar o movimento hermenêutico que Paulo realiza para se apropriar das palavras de Oséias no Antigo Testamento como Escritura Cristã. Para tanto, o presente artigo apresenta uma comparação entre os textos de Oséias 13.14 e de 1 Coríntios 15.55, identificando as semelhanças e diferenças conceituais, linguísticas e teológicas e propondo uma explicação para o movimento hermenêutico paulino, no qual a profecia veterotestamentária é readequada enquanto Escritura Cristã.

PALAVRAS-CHAVE

Ressurreição; Antigo Testamento no Novo Testamento; 1 Coríntios; Oséias.

* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bacharel em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR) e graduado em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). É professor na graduação EAD da FABAPAR e membro discente do NEMED/UFPR. E-mail para contato: willibaldoneto@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O Antigo Testamento é uma importante fonte para a teologia paulina, sendo utilizado mediante alusões e citações, assim como na própria fundamentação das ideias teológicas de Paulo, de modo que, segundo George Eldon Ladd, “seu entendimento de Deus, de antropologia, da expiação, da promessa, da Lei e da escatologia não podem ser compreendidos fora do contexto do Antigo Testamento”.¹ Ao mesmo tempo, porém, seu próprio entendimento do Antigo Testamento é direcionado, de modo que o mesmo, segundo Paulo, deve ser compreendido à luz de seu cumprimento e realização em Jesus Cristo.

Em sua primeira carta aos Coríntios, Paulo utiliza e cita diversas passagens do Antigo Testamento,² construindo sua teologia e sua mensagem à igreja de Corinto sobre os fundamentos da fé israelita. Em outras palavras, Paulo se apropria do Antigo Testamento como Escritura Cristã. Por conseguinte, seu uso do Antigo Testamento reformula, à luz da compreensão cristã, as passagens do Antigo Testamento, tendo em vista seu propósito teológico. Desta forma, em 1 Coríntios 15.55, Paulo cita o texto de Oséias 13.14, aparentemente modificando seu propósito e significado do contexto veterotestamentário para um contexto da fé cristã. Segundo Robert Martin-Achard, “o apóstolo Paulo leu nas palavras do profeta [Oséias] a pregação da derrota da morte por ocasião da ressurreição de Cristo”.³ Apesar de diversos teólogos, como Lutero, terem seguido a interpretação paulina do texto de Oséias, “Calvino, entretanto, mostrou-se mais reservado⁴ e hoje a maioria dos comentaristas inclinam-se em ver nesta passagem uma ameaça contra Israel e todo o contexto confirma este ponto de

¹ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 546. Para adequar seu discurso ao contexto do Antigo Testamento, Paulo utiliza citações do mesmo, totalizando, segundo as contas de E. E. Ellis, 93 passagens citadas, sendo 52 em Romanos, 16 em 1 Coríntios, 9 em 2 Coríntios, 10 em Gálatas, 4 em Efésios, 1 em 1 Timóteo e 1 em 2 Timóteo. As outras seis epístolas (1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses, Colossenses, Filipenses, Filemom e Tito não possuem citações do Antigo Testamento, e sim alusões. Cf. LONGENECKER, Richard N. “Can we reproduce the exegesis of the New Testament?” *Tyndale Bulletin*, 21 (1970), p. 36.

² “Em 1 Coríntios encontramos 19 citações do Antigo Testamento. Destas, onze são indicadas claramente como citações de uma fonte escrita (1.19,31; 2.9; 3.19-20; 9.9; 10.7; 14.21; 15.45,54-55); uma se refere ao que é dito no Antigo Testamento (6.16); quatro são dadas como razões para declarações sem mencionar que são de uma fonte escrita (2.16; 10.26; 15.25,27) e três são colocadas sem nenhuma fórmula introdutória (5.13; 14.25; 15.32)”. MALAN, F. S. “The Use of the Old Testament in 1 Corinthians”. *Neotestamentica*, 14 (1980), p. 134. Esta, assim como as demais citações em língua estrangeira, foram traduzidas pelo autor deste artigo.

³ MARTIN-ACHARD, Robert. *Da morte à ressurreição segundo o Antigo Testamento*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2015, p. 109.

⁴ João Calvino afirmou que “não fica claro se ele [Paulo] está usando suas próprias palavras, ou se sua intenção é citar também as palavras do profeta [Oséias]”. CALVINO, João. *Comentário à Sagrada Escritura: Exposição de 1 Coríntios*. São Paulo: Paracletos, 1996, p. 494.

vista”.⁵ A reavaliação do texto de Oséias 13.14 nos estudos do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, iniciada por Calvino, acabou tendo como resposta uma tendência crítica que chega a questionar “se 1 Coríntios 15.55 é uma exegese correta de Os 13.14b”, tal como colocado por Martin-Achard.⁶

1. OS TEXTOS DE 1 CORÍNTIOS 15.55 E OSÉIAS 13.14

Para se avaliar o movimento do uso paulino de Oséias 13.14, é importante uma comparação entre as versões do texto de Oséias presentes no Texto Massorético (TM), na Septuaginta (LXX) e na citação de Paulo em 1 Coríntios 15.55, conforme a tabela a seguir:

Oséias 13.14b (TM)	Oséias 13.14b (LXX)	1 Coríntios 15.55 (Paulo) ⁷
אֱהִי דְבָרֶיךָ מוֹת אֱהִי קִטְבֶּךָ שְׂאוֹל	ποῦ ἡ δίκη σου, θάνατε; ποῦ τὸ κέντρον σου, ἄδη;	ποῦ σου, θάνατε, τὸ νῆκος; ποῦ σου, θάνατε, τὸ κέντρον;

Pela comparação dos três textos, se pode perceber que é possível pensar que Paulo citou de memória o texto de Oséias (seja do hebraico ou da Septuaginta⁸), ou então que o apóstolo leu “algo diferente daquilo que nos transmitiram os Massoretas”,⁹ uma vez que se trata de uma citação consideravelmente diferente do texto original.¹⁰ A comparação do texto de Paulo e da LXX nos conduz a algumas considerações mais particulares.

O emprego da palavra νῆκος, “vitória”, não acompanha a tradução grega da LXX, que se vale do termo δίκη, “justiça”.¹¹ Há, porém, uma íntima relação

⁵ MARTIN-ACHARD, *Da morte à ressurreição*, p. 109.

⁶ Ibid., p. 108.

⁷ A comparação entre estes três textos se encontra em HEIL, John Paul. *The Rhetorical Role of Scripture in 1 Corinthians*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005, p. 249-250.

⁸ João Calvino sugeriu que “há a possibilidade de que, como a tradução grega [LXX] estava em uso comum, Paulo estava fazendo alusão a ela; e não há nenhum erro nesta sugestão. Entretanto, ele nem mesmo citou palavra por palavra”. CALVINO, *Comentário*, p. 494.

⁹ MARTIN-ACHARD, *Da morte à ressurreição*, p. 106. H. S. Nyberg tentou reconstruir qual seria o texto lido pelo apóstolo Paulo, mediante a comparação das versões.

¹⁰ Mesmo Nyberg aponta o Texto Massorético como mais antigo, sendo a versão lida por Paulo posterior, datando de uma época de intensa influência persa no judaísmo. MARTIN-ACHARD, *Da morte à ressurreição*, p. 107, n. 254.

¹¹ Apesar de Stanley sugerir que Paulo teria uma fonte grega diferente da LXX que contivesse a palavra νῆκος (STANLEY, Christopher D. *Paul and the Language of Scripture: Citation Technique in the Pauline Epistles and Contemporary Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 211-215), é mais provável a sugestão de Ciampa e Rosner de que Paulo pode ter “mudado a palavra para ‘vitória’ a fim de ligar essa citação com a de 15.54”. CIAMPA, Roy E.; ROSNER, Brian S. “1 Coríntios”. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Orgs.). *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 930.

entre os dois termos, que deve ser indicada. Além de 1 Coríntios 15 (v. 54, 55 e 57), a palavra *vīkos* aparece somente uma outra vez no Novo Testamento, em Mateus 12.20, que também é uma citação do Antigo Testamento (Isaías 42.3). Neste texto, *vīkos* é a tradução da palavra hebraica מִשְׁפָּט, cujo significado é normalmente o de “justiça” ou “juízo/julgamento”. Desta forma, portanto, se pode compreender a equivalência entre *vīkos* (Paulo) e δίκη (LXX), seja por reinterpretação ou mesmo lapso de memória do apóstolo. Acontece, porém, que o termo hebraico (do livro de Oséias) traduzido por estas palavras não é מִשְׁפָּט (como em Mt 12.20) mas דְּבַרְיָה, “suas pragas”. Esta palavra provém de דָּבַר, termo utilizado em relação a pestes¹² e mesmo às pragas do Egito.¹³ No entanto, a tradução faz sentido quando se compreende que no pensamento hebraico havia uma clara correspondência entre as doenças e o julgamento divino. Segundo E. W. Heaton, “a ideia prevalecte de doença no Antigo Testamento era de que Deus a enviava como punição pelo pecado”.¹⁴

A palavra grega κέντρον utilizada por Paulo, diferente de *vīkos*, possui correspondência na LXX, sendo em ambos os casos a tradução da palavra hebraica קְטָבָה, “sua destruição”. O termo קָטַב, raiz de קְטָבָה possui o sentido de “agulhã”, “destruição”, mas também pode ser entendido como enfermidade.¹⁵ Assim, fica claro que o original hebraico estabelece um paralelismo entre דְּבַרְיָה e קְטָבָה, onde “ambos os termos expressam todo o poder destruidor da morte”.¹⁶

As palavras relativas à morte, variam também da LXX para Paulo, de modo que esta mudança pode indicar uma variação de compreensão. No Texto Massorético, o profeta Oséias se refere à morte mediante duas palavras hebraicas, מוֹת e שְׁאוּל. A LXX busca acompanhar esta diferenciação utilizando também dois termos gregos diferentes: θάνατε e ὄδη. Porém, em 1 Coríntios 15 Paulo utiliza apenas o termo θάνατε para se referir à morte, conforme a tabela a seguir:

¹² Cf. Lv 26.25; Nm 14.12; Dt 28.21; 2 Sm 24.13,15; 1 Rs 8.37; 1 Cr 21.12,14; 2 Cr 6.28; 7.13; 20.9; Sl 78.50; 91.3,6; Jr 14.12; 21.7,9; 24.10; 27.8,13; 28.8; 29.17,18; 32.24,36; 34.17; 38.2; 42.17,22; 44.13; Ez 5.12,17; 6.11,12; 7.15; 12.16; 14.19,21; 28.23; 33.27; 38.22; Am 4.10; Hc 3.5.

¹³ Cf. Êx 5.3; 9.3,15.

¹⁴ Heaton apud MOWVLEY, H. “Health and Salvation in the Old Testament”. *The Baptist Quarterly*, 22/3 (1967), p. 101. Assim como Yahweh julgou o Egito através das pragas, poderia julgar Israel do mesmo modo (Êx 15.26). Na listagem das maldições decorrentes da desobediência, em Levítico, encontra-se a praga que seria enviada por Deus (Lv 26.25).

¹⁵ Cf. Dt 32.24; Sl 91.6.

¹⁶ MARTIN-ACHARD, *Da morte à ressurreição*, p. 107, n. 254. Se L. Köhler estiver correto em seu léxico, a palavra דָּבַר, além de “praga”, pode ser compreendida em um segundo sentido, como “espinho” ou mesmo “agulhã” (MARTIN-ACHARD, *Da morte à ressurreição*, p. 106-107, n. 254). Nyberg apontou o termo κέντρον como uma tradução de outra palavra hebraica, דָּבַר, que estaria no texto lido por Paulo, baseado na correspondência em Eclesiastes 12.11, onde a LXX traduziu דָּבַר (פְּרִיבְנוֹת) por βούκέντρον (τὰ βούκεντρα).

TM	LXX	Paulo
מָוֶת	θάνατε	θάνατε
שְׂאוֹל	ἄδη	θάνατε ¹⁷

Enquanto a LXX parece buscar preservar uma diferenciação entre a morte enquanto poder, θάνατος, tradução de מָוֶת, e o mundo dos mortos, Ἄδης, tradução de שְׂאוֹל, o uso paulino parece indicar uma relação direta de sentido entre os termos hebraicos מָוֶת e שְׂאוֹל, mostrando se tratar de duas formas diferentes para se referir a um mesmo objeto, a saber, a morte (θάνατος). Aponta, portanto, para um paralelismo hebraico, evidenciando que, assim como קָטַבְתָּ וְרַבְרַבְתָּ e מָוֶת e שְׂאוֹל podem ser tomados como termos paralelos.¹⁸

2. A VITÓRIA SOBRE A MORTE EM 1 CORÍNTIOS 15

A mudança nos termos, diferente do que se tende a pensar, não deve ser vista necessariamente como uma alteração de sentido, como o uso de Isaías por Paulo em 1 Coríntios 15.54, que está em relação direta com 1 Coríntios 15.55. A tradução de רַבְרַבְתָּ, “suas pragas”, pela palavra grega νῖκος, “vitória”, parece apontar para uma reformulação intencional por parte do apóstolo Paulo, no qual o uso de νῖκος se dá a fim de estabelecer uma relação entre os três versículos em que o termo aparece no capítulo 15 de 1 Coríntios (v. 54, 55 e 57), onde é utilizado em relação à morte de três formas diferentes:

	1 Coríntios 15.54	1 Coríntios 15.55	1 Coríntios 15.57
Texto	...Κατέποθη ὁ θάνατος εἰς νῖκος.	ποῦ σου, θάνατε, τὸ νῖκος;τὸ νῖκος διὰ τοῦ Κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ.
Tradução	...Engolida foi a morte pela vitória.	Ó morte, onde está tua vitória?...	...a vitória através do nosso Senhor Jesus Cristo.

A pergunta pela “vitória” da morte no verso 55 se dá em contraste com a verdadeira vitória, que é dada por Deus mediante Jesus Cristo (v. 57), e que é a própria destruição da morte (v. 54). Esta destruição da morte é anunciada também por uma citação do Antigo Testamento, de Isaías 25.8. Em sua citação

¹⁷ A repetição do termo θάνατε está presente não apenas na SBL como também nas versões de Westcott e Hort, de Nestle e de Tischendorf. As versões do Textus Receptus (Stephanus e Scrivener), da Igreja Ortodoxa (1904) e da RP Bizantina, trazem os dois termos de modo diferenciado, tal como na LXX: θάνατε e ἄδη.

¹⁸ Cf. Sl 6.5; 49.14; Is 28.15. O texto de Apocalipse 1.18 não parece ser um paralelismo, referindo-se às chaves “da morte” (τοῦ θανάτου) e “do Hades” (τοῦ Ἅιδου), porém trata-se de um texto que – assim como 1 Pedro 3.19s – se distingue dos demais textos do Novo Testamento a respeito do Hades. Sobre o termo Ἄδης no Novo Testamento, cf. JEREMIAS, J. *hádēs* [Hades]. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard (Eds.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Trad. Geoffrey W. Bromiley. Abridged in one volume by Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1985, p. 22.

de Isaías, Paulo adiciona o termo *vīkos*, que não possui correspondente claro no texto massorético de Isaías 25.8 (“engoliu a morte para sempre”) (בִּלְצַ הַמָּוֶת לְנֶצַח), nem na tradução da LXX, mas possui paralelo em outras traduções gregas de Isaías, conforme se pode perceber na tabela a seguir:

TM – Isaías 25.8	בִּלְצַ הַמָּוֶת לְנֶצַח
LXX – Isaías 25.8	κατέπιεν ὁ θάνατος ισχύσας
Aquila – Isaías 25.8	καταποντίσει τὸν θανατόν εἰς νῖκος
Símaco – Isaías 25.8	καταποθῆναι ποιήσει τὸν θανατόν εἰς τέλος
Teodócio (Uncial Q) – Isaías 25.8	κατεπόθη ὁ θάνατος εἰς νῖκος
Teodócio (Syro-Hexapla) – Isaías 25.8	κατέπιεν ὁ θάνατος εἰς νῖκος
Paulo – 1 Coríntios 15.54	κατεπόθη ὁ θάνατος εἰς νῖκος ¹⁹

A primeira tradução grega do texto, na LXX, já havia alterado o texto hebraico. Segundo F. S. Malan, a LXX não apenas muda os termos de Isaías 25.8 mediante a tradução, como ainda altera o sentido da própria frase: “a Septuaginta fez a morte vitoriosa ao invés de Deus”.²⁰ Para este autor, Paulo acompanha a LXX no uso do verbo grego *καταπίνω*, mas retoma o sentido do texto hebraico, perdido na LXX, colocando a morte como sujeito passivo de uma vitória sobre esta. Também o próprio sentido de *לְנֶצַח*, “para sempre”, não possui deturpação em sua tradução pela expressão *εἰς νῖκος*, “pela vitória”, uma vez que o sentido aramaico do termo *נֶצַח* é “vitória”.²¹ Assim, a mudança nos termos, com a adição da palavra *vīkos*, não expressa necessariamente uma mudança de sentido, de modo que pode ter sido o próprio compromisso teológico, retomando o sentido original de Isaías 25, que levou Paulo a valer-se do mesmo termo que outras traduções como as de Aquila e Teodócio.²² De fato a

¹⁹ Tabela construída a partir de HEIL, *Rhetorical Role*, p. 248-249. Cf. STANLEY, *Paul and the Language*, p. 210-211.

²⁰ MALAN, “The use of the OT”, p. 163.

²¹ Segundo Joseph A. Fitzmyer, “a forma paulina preserva o sentido do TM, mesmo que a coloque em voz passiva e traduza a última palavra, *lāneṣaḥ*, ‘para sempre’, como *eis nikos*, ‘em vitória’” (FITZMYER, Joseph A. *First Corinthians: A New Translation with Introduction and Commentary*. AYB, 32. Yale: Yale University Press, 2008, p. 606). Malan lembra que a LXX estabelece a relação entre *לְנֶצַח* e *vīkos* nas traduções de Jó 36.7, Amós 1.11 e Amós 8.7, por exemplo (MALAN, “The use of the OT”, p. 163), assim como Teodócio, tradutor da Bíblia Hebraica para o grego no século II d.C., estabelece uma tradução semelhante à de Paulo com a adição de *εἰς νῖκος*, porém preservando o restante da LXX: *Κατέπιεν ὁ θάνατος εἰς νῖκος* (MARTIN-ACHARD, *Da morte à ressurreição*, p. 143, n. 339). C. A. Vlachos indica que a tradução de Aquila também inclui *εἰς νῖκος*, e que a LXX traduz o termo hebraico *לְנֶצַח* por *εἰς νῖκος* em 2 Samuel 2.26 (VLACHOS, Chris Alex. “Law, Sin, and Death: an Edenic triad? An examination with reference to 1 Corinthians 15.56”. *Journal of the Evangelical Theological Society*, 47/2 (2004), p. 279, n. 11).

²² Craig S. Keener afirma que Teodócio não teria pego tal tradução emprestada de Paulo, o que apontaria para uma tradição comum que ambos utilizaram (KEENER, Craig S. *1-2 Corinthians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 134). Heil acredita que a semelhança entre as traduções

compreensão deste texto de Isaías como a vitória final sobre a morte já era a interpretação do judaísmo rabínico.²³

O procedimento de citação efetuado por Paulo a partir do texto de Isaías deixa claro que, assim como o v. 54 se vincula mais à ideia teológica que Paulo busca construir do que a uma tradução “literal” de Isaías,²⁴ o verso 55 possui maior compromisso com a ideia teológica que Paulo busca expressar ao longo do capítulo 15 de 1 Coríntios, do que com o texto original de Oséias. Desta forma, uma alteração na composição do texto não implica necessariamente em uma mudança de sentido do texto, podendo servir até mesmo para reestabelecer um sentido perdido na própria tradução. A maior dificuldade, porém, não está nos termos empregados, senão nos próprios contextos de Oséias e Paulo. Cabe, portanto, um estudo do contexto teológico de 1 Coríntios 15 e de Oséias 13.

2.1 A teologia da vitória sobre a morte em 1 Coríntios 15

Para se compreender plenamente o uso que Paulo faz do texto de Oséias 13.14 em 1 Coríntios 15.55, faz-se necessária uma percepção deste verso a partir da teologia sobre a qual a citação se coloca, ou seja, a teologia da vitória de Cristo sobre a morte. Tal como indicado por Chris Alex Vlachos,²⁵ há uma construção teológica estabelecida sobre um paralelismo em 1 Coríntios 15.54-57,²⁶ cuja reconstrução do texto, de modo independente da atual marcação por versículos, permite que seja percebido que o termo final de cada frase do texto se torna a palavra-chave para uma sentença seguinte, conforme se pode perceber no esquema a seguir:

gregas do texto de Isaías 25.8 indica a dependência de Paulo de um texto grego para além da LXX (HEIL, *Rhetorical Role*, p. 249). Cf. STANLEY, *Paul and the Language*, p. 211. O fato de a tradução de Teodócio no Uncial Q ser exatamente igual ao texto de 1 Coríntios 15.55, porém, parece indicar que neste caso trata-se de uma assimilação posterior do texto (HEIL, *Rhetorical Role*, p. 249).

²³ Cf. *Mishná* [m.] *Mo'ed Qatan* 3.9; *Rabá* [Rab.] de Êx 15.21; 30.3; *Rab.* de Dt 2.30; *Rab.* de Lm 1.41; *Rab.* de Ec 1.7; *Talmude Babilônico* [b.] *Pesahim* 68a; *b. Ketubot* 30b. Tais referências se encontram em: CIAMPA; ROSNER, “1 Coríntios”, p. 931.

²⁴ Segundo H. W. Hollander e J. Holleman, é a própria literalidade da tradução de Paulo, tomando εἰς νῆκος literalmente, enquanto “a vitória”, que lhe permite interpretar a vitória sobre a morte mediante Jesus Cristo (v. 57) como a concretização da profecia de Isaías 25.8. Cf. HOLLANDER, H. W.; HOLLEMAN, J. “The Relationship of Death, Sin, and Law in 1 Cor 15:56”. *Novum Testamentum*, 35/3 (1993), p. 274.

²⁵ VLACHOS, “Law, Sin and Death”, p. 279.

²⁶ Christopher Stanley indica que as modificações nas citações de Isaías e Oséias em 1 Coríntios 15 têm como objetivo produzir uma “palavra de Escritura” que esteja consolidada numa tríplice repetição da palavra “morte” (θάνατος) nos vv. 54-55, tendo ainda as duas primeiras linhas unidas pela “repetição da palavra-chave νῆκος e as últimas duas por um [...] paralelismo verbal” (STANLEY, *Paul and the Language*, p. 215).

54 ... Κατεπόθη ὁ θάνατος εἰς **νῖκος**.

55 ποῦ σου, θάνατε, τὸ **νῖκος**; ποῦ σου, θάνατε, τὸ **κέντρον**;

56a τὸ δὲ **κέντρον** τοῦ θανάτου ἢ **ἁμαρτία**,

56b ἢ δὲ δύναμις τῆς **ἁμαρτίας** ὁ **νόμος**.²⁷

57 τῷ δὲ Θεῷ χάρις τῷ διδόντι ἡμῖν τὸ **νῖκος** διὰ τοῦ Κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ.

Cada uma destas palavras-chave é um substantivo, e não um verbo, de modo que “o impacto do pensamento é entregue pelos substantivos” e “não há verbo copulativo conectando cada sujeito ao seu predicado”.²⁸ Cada um destes substantivos, portanto, carrega um elemento essencial na compreensão da mensagem teológica de Paulo quanto à vitória (**νῖκος**) de Cristo sobre a morte, da qual parte (v. 54) e para a qual se direciona (v. 57).²⁹

O termo **κέντρον**, conforme já indicado acima, aparece enquanto tradução de **קֶנְטְרוֹן**, em 1 Coríntios 55, podendo possuir o sentido de “sua destruição”, como ainda carregar a ideia de enfermidade. Vlachos recorda que **κέντρον** possui o sentido de “picada” em Atos 26.14 e Provérbios 26.3 (LXX), e ainda do ferrão de insetos ou escorpiões (4 Mac 14.19; Ap 9.10)³⁰. A ideia que o texto carrega, portanto, deve ser pensada a partir da imagem da morte como um ser combatente com seu ferrão, que não apenas pica uma pessoa, mas que “penetra sua vítima com um veneno fatal”.³¹

²⁷ Neste que é “um dos versos mais problemáticos nas epístolas de Paulo” (HOLLANDER; HOLLEMAN, *The Relationship*, p. 270), ao mesmo tempo que a palavra grega **νόμος** não encontra correspondência no verso seguinte, tal como ocorre nos casos anteriores (**νῖκος**, **κέντρον** e **ἁμαρτία**), o verso 56 não se distancia da teologia paulina. Assim, J. W. Straatman, defensor da ideia de uma interpolação, afirmou que a mesma teria sido realizada por alguém com conhecimento considerável do *corpus paulinum*.

²⁸ VLACHOS, “Law, Sin and Death”, p. 280.

²⁹ 1 Coríntios 15, assim como Romanos 8, são textos nos quais Paulo busca evidenciar a vitória alcançada mediante a obra redentora de Jesus Cristo. Em 1 Coríntios 15, a vitória alcançada por Jesus Cristo (v. 54), não é apenas uma promessa futura (v. 57-58), mas já é efetiva no presente como vitória sobre o mal (cf. Rm 12.21) e mesmo sobre a morte (1 Co 15.55). Cf. GÜNTHER, W. “νικάω”. In: BROWN, Colin. (Org.). *The New International Dictionary of New Testament Theology*. Volume 1: A-F. Grand Rapids, MI: Regency Reference Library, 1988, p. 651.

³⁰ O uso desta palavra é recorrente na língua grega desde Homero, sendo usada tanto para designar o “ferrão” de animais (uso atestado em Aristóteles) quanto o “agulhão” usado para incitar bois (cf. At 26.14). (BUDD, P. J. “κέντρον”. In: BROWN, Colin. (Org.). *The New International Dictionary of New Testament Theology*. Volume 1: A-F. Grand Rapids: Regency Reference Library, 1988, p. 511). Leon Morris afirma que a palavra **κέντρον** refere-se primariamente “ao ferrão de abelhas, à picada das serpentes, e a coisas semelhantes”, tratando-se, portanto, de uma forma de estabelecer uma metáfora com animais peçonhentos que “retrata a malignidade da morte” (MORRIS, Leon. *1 Coríntios*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 188).

³¹ VLACHOS, “Law, Sin and Death”, p. 280. Segundo L. Schmid, a ideia deste texto não é “tanto a morte como um tirano com um agulhão, ou um soldado com uma lança ou flecha, nem uma fera com

Seu veneno é expresso pela palavra ἁμαρτία, “pecado”, que é apontada enquanto o “agulhão *da* morte”³²: “O agulhão da morte é o pecado” (1 Co 15.56a).³³ É interessante de se notar que neste texto Paulo parece inverter a lógica de causalidade estabelecida em Romanos 6.23a, sobre o qual afirma que “o salário do pecado é a morte”. Em 1 Coríntios 15, não é o pecado o grande inimigo da humanidade, mas a morte, cujo pecado é seu agulhão, seu ferrão, pelo qual contamina a humanidade com seu veneno. Pelo verso 56 pode-se entender que este veneno surte efeito quando o homem está sob a influência da lei, νόμος, que lhe dá “força”, δύναμις.³⁴ Sendo assim, pois, como bem indicou W. Schmitals, “para o homem que tenta encontrar a vida baseado na lei, a morte se torna uma realidade presente”.³⁵ Paulo desenvolve esta ideia de forma mais acurada em Romanos 7.8-10³⁶:

Mas o pecado, aproveitando a oportunidade dada pelo mandamento, produziu em mim todo tipo de desejo cobiçoso. Pois, *sem a lei, o pecado está morto*. Antes, eu vivia sem a lei, mas *quando o mandamento veio, o pecado reviveu, e eu morri*. Descobri que *o próprio mandamento, destinado a produzir vida, na verdade produziu morte*. [Grifo nosso].

É evidente, portanto, que, segundo a teologia paulina, com a própria força, mediante a lei, o homem não pode alcançar a vitória sobre a morte, sendo necessariamente derrotado. Somente a graça de Deus, oferecida mediante o

uma ponta venenosa, mas antes é como um inseto com seu ferrão” (SCHMID, L. “*kéntron* [goad, sting]”. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. (Eds.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Trad. Geoffrey W. Bromiley. Abridged in one volume by Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1985, p. 427-428).

³² A morte no verso 56a (τοῦ θανάτου) está no genitivo possessivo (HOLLANDER; HOLLEMAN, *The Relationship*, p. 277, n. 22).

³³ John A. Gillman aponta o verso 56 como um *midrash*, a fim de explicar o dramático desafio sobre a morte e seu agulhão (GILLMAN, John A. “A Thematic Comparison: 1 Cor 15:50-57 and 2 Cor 5:1-5”. *Journal of Biblical Literature*, 107/3 (1988), p. 445).

³⁴ Hollander e Holleman apontam o termo δύναμις como tendo o sentido de estímulo e incitação, valendo-se de um paralelo em *Testamento de Dã* 4.1, no qual há um uso de δύναμις τοῦ θυμοῦ, “força da raiva”, enquanto a ação da raiva no homem (HOLLANDER; HOLLEMAN, *The Relationship*, p. 279, n. 30).

³⁵ SCHMITALS, W. θάνατος. In: BROWN, Colin (Org.). *The New International Dictionary of New Testament Theology*. Volume 1: A-F. Grand Rapids: Regency Reference Library, 1988, p. 437.

³⁶ Outro texto bastante importante, que reúne os elementos que derrubam a humanidade, é Romanos 7.5: “Quando estávamos na *carne*, as paixões dos *pecados* que operam através da *lei* agiram no que somos e fazemos para que produzíssemos frutos para a *morte*” (DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 168). Segundo Hollander e Holleman, esta conexão estabelecida por Paulo se fundamentou em “conceitos que ele compartilhava com muitos de seus contemporâneos helenísticos e os quais podemos supor que eram bem conhecidos pelos seus leitores em Corinto também” (HOLLANDER; HOLLEMAN, *The Relationship*, p. 290-291), o que também valeria para Romanos 7 (Ibid., p. 291, n. 78).

sacrifício de Jesus Cristo, pode anular o veneno da morte e decretar vitória sobre esta (cf. Rm 6.14). Assim, através do sacrifício de Jesus Cristo, que toma os pecados para si (2 Co 5.21), a lei é anulada (Ef 2.15; cf. Rm 8.1-4),³⁷ e a morte é derrotada.

A teologia paulina, portanto, trata da morte como uma realidade de tamanha força que é indicada como o “último inimigo” (1 Co 15.26), sobre a qual não apenas o homem suspira em medo e tristeza (Rm 7.24), como toda a criação (Rm 8.20-21). Neste sentido, o sacrifício de Jesus Cristo toma a forma de resposta à ação da morte, restaurando a esperança do homem e anulando o veneno (pecado), a força (lei) e o efeito da morte na vida das pessoas.³⁸ Tal como bem apontado por James D. G. Dunn, “é o fato bruto de que a vida termina na morte que deve ser aceito e tratado numa teologia que oferece esperança”, e a “teologia de Paulo faz isso”.³⁹ Cabe, porém, que se verifique se esta forma de se lidar com a morte está igualmente presente na teologia do livro de Oséias.

2.2 Há vitória sobre a morte em Oséias 13.14?

O texto de Oséias 13.14b, mediante a expressão hebraica יְהוָה , faz com que não apenas o verso como a própria ideia do texto seja encoberta por uma ambiguidade de significado. Tal expressão, usualmente traduzida por “onde estão”, também pode ser traduzida por “eu sou” ou ainda “eu serei”. Essa variedade de possibilidades de tradução gera uma grande dificuldade sobre a interpretação do texto, abrindo-o para diversas intenções possíveis, dentre as quais se destacam três, listadas logo abaixo:⁴⁰

1) “*Onde estão as tuas pragas?*” (rejeição) – a primeira possibilidade de tradução trabalha sobre a ideia de que o texto representaria uma pergunta de Deus à morte, tendo como intenção desmerecer a força desta e anunciar sua

³⁷ Segundo Hollander e Holleman, o termo νόμος não se refere à lei judaica (Torá) estritamente, mas à lei em sentido geral (HOLLANDER; HOLLEMAN, *The Relationship*, p. 279). M. Winger já havia indicado este sentido mais genérico de νόμος para outros textos como Rm 4.15b, 5.13b e 1 Co 9.8, verso no qual Paulo fala de uma lei da qual a lei de Moisés (1 Co 9.9) é uma parte. Cf. HOLLANDER; HOLLEMAN, *The Relationship*, p. 279, n. 29.

³⁸ W. Günther destaca que Paulo não nos dá um ensino sistemático sobre o pecado, mas “descreve a vitória de Jesus Cristo sobre os poderes da lei, do pecado e da morte, que são substituídos pela justificação e vida” (GÜNTHER, W. “ἀμαρτία”. In: BROWN, Colin (Org.). *The New International Dictionary of New Testament Theology*. Volume 3: Pri-Z. Grand Rapids: Regency Reference Library, 1988, p. 581).

³⁹ DUNN, *A teologia*, p. 166.

⁴⁰ Uma quarta leitura do texto é realizada por H. S. Nyberg, que traduz o verso 14b enquanto “... as tuas pragas (são tão más como) a morte, e as tuas ações desafortunadas (são tão nefastas como) o Sheol” (apud MARTIN-ACHARD, *Da morte à ressurreição*, p. 107). Segundo Nyberg, portanto, o objeto do discurso não é nem a morte nem Deus, mas o próprio povo de Israel.

impotência. Tal como Landy indica, esta é a interpretação decorrente de uma percepção positiva do verso 14.⁴¹

2) “*Onde estão as tuas pragas?*” (convocação) – a segunda possibilidade entende a pergunta como uma convocação divina à ação da força da morte; Deus estaria requerendo que a morte entrasse em ação com seu poder contra Efraim.⁴²

3) “*Eu sou/serei as tuas pragas*” – uma terceira possibilidade de tradução se dá através da percepção do imperfeito como jussivo em forma abreviada (apocopado) na primeira pessoa.⁴³ Assim, Deus estaria anunciando que ele mesmo seria as pragas da morte. Tal como Landy bem lembra, Deus se apresenta como leão devorador nos versos 7-8, podendo estar aqui, portanto, como as pragas/palavras⁴⁴ de morte.⁴⁵

As diferentes compreensões sobre Oséias 13.14b também alteram a própria tradução de Oséias 13.14a e 13.14c, ou seja, do verso inteiro. Ao mesmo tempo que é possível entender o verso como uma convocação divina à ação da morte (2), ou mesmo o posicionamento divino enquanto pragas de morte (3), há a possibilidade de o texto ser uma pergunta retórica divina, buscando desmerecer a morte e seu poder (1), tal como Paulo o utilizou.⁴⁶

⁴¹ LANDY, Francis. *Hosea*. 2 ed. Sheffield: Sheffield Press, 2011, p. 193.

⁴² Segundo Martin-Achard, esta compreensão interrogativa do verso é a defendida por inúmeros comentaristas modernos como K. Marti, W. Novack, A. Baumgartner e W. v. Baudissin (MARTIN-ACHARD, *Da morte à ressurreição*, p. 110). Outros autores seguem na mesma direção: cf. HARPER, William Rainey. *A critical and exegetical commentary on Amos and Hosea*. ICC. New York: Charles Scribner’s Sons, 1905, p. 405; BARCLAY, John. 1 Corinthians. In: BARTON, John; MUDDIMAN, John. (Eds.). *The Oxford Bible Commentary*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 1132.

⁴³ Harper (*Amos and Hosea*, p. 405) lembra que a primeira pessoa no singular é raramente apocopada.

⁴⁴ A palavra hebraica פְּרָגָה pode ter tanto o sentido de “pragas” como de “palavras”. Apesar de não ser provável o segundo sentido – nem mesmo apresentado até aqui – pela importância teológica das pragas como elemento de morte, e pela relação direta com o agulhão, Landy lembra a relação da morte com as palavras em Oséias 6.5: “Por isso, os abati pelos profetas; pela palavra da minha boca, os matei...” (LANDY, *Hosea*, p. 193).

⁴⁵ LANDY, *Hosea*, p. 193. Joseph A. Fitzmyer, em seu comentário de 1 Coríntios traduz o TM de Oséias da seguinte forma: “*I shall be your plagues, Death; I shall be your destruction, Sheol!*” e comenta que tais palavras significam que “Deus punirá Israel e Efraim com a destruição [i.e. força destrutiva] da morte e do submundo [underworld]” (FITZMYER, *First Corinthians*, p. 606).

⁴⁶ O uso do advérbio interrogativo ποῦ, tanto na LXX como em 1 Co 15.55 parece indicar que em ambos os casos se compreende o texto de Oséias como uma pergunta retórica à morte, uma vez que ποῦ possui um amplo uso em sentido retórico, tal como se percebe em outros textos de 1 Coríntios (3x em 1.20; 2x em 12.17; 12.19), no Novo Testamento (Rm 3.27; Gl 4.15), na LXX (Sl 42.4,11; Is 19.12; 33.18; 36.19; 37.13; 51.13; 63.11,15; Jr 2.28), na literatura judaica helenística (*Oráculos Sibilinos* 5.67; 8.43-45,79) e na literatura greco-romana (Epicteto, *Dissertationes* III, 10,17; Plutarco, *Consolatio ad Apollonium* 15, *Mor.* 110 D; Marco Aurélio, X, 31; XII, 27). Cf. HOLLANDER; HOLLEMAN, *The Relationship*, p. 274, n. 12; HEIL, *Rhetorical Role*, p. 252, n. 19.

A comparação do verso 14 com os versos anteriores e seguintes também indica a possibilidade de ambiguidade do texto, presente no próprio verso 14: as afirmações “eu os remirei da violência do inferno e os resgatarei da morte” (13.14a, ARC) e “o arrependimento⁴⁷ será escondido de meus olhos” (13.14c, ARC) estão, evidentemente, em contradição. Faz-se necessário, mais uma vez, atentar para o Texto Massorético (TM):

מִיַּד שְׂאוֹל אֶפְדֶּם מִמָּוֶת אֲנֹאֲלֶם	14a
אֱהִי דְבַר יְיָ מָוֶת אֱהִי קִטְבָּךְ שְׂאוֹל	14b
נַחֵם יִסְתַּר מֵעֵינַי:	14c

Segundo John Day, a compreensão positiva de Oséias 13.14a (“Eu os remirei...”) não se encaixa no contexto negativo da profecia, tal como fica evidente pelo fim do verso (13.14c) e mesmo pelos versos seguintes,⁴⁸ que profetizam a seca das nascentes, a desertificação⁴⁹ e a morte dos filhos de Samaria (vv. 15-16). Também os versos anteriores indicam que Deus já estava decidido quanto à punição de Efraim: “A iniquidade de Efraim está atada, o seu pecado está armazenado” (Os 13.12, ARC). Como explicar, então, o texto de 13.14a? O texto pode ser uma promessa ou uma ameaça: se for compreendido

⁴⁷ O termo hebraico *נחם*, presente em Os 13.14c, possui como principais traduções as palavras “arrependimento” e “ressentimento”. A escolha do termo está tendencialmente relacionada à interpretação do verso 14 enquanto uma promessa de redenção (“o ressentimento será escondido...”) ou uma ameaça (“o arrependimento será escondido...”). Outra possibilidade de tradução é “misericórdia”, a qual seguiria a segunda interpretação (ameaça), levando o texto à ideia de que Deus se cansou de perdoar Efraim. Cf. MARTIN-ACHARD, *Da morte à ressurreição*, p. 107, n. 254. Harper afirma que este é o “termo técnico” para “arrependimento”, e não deve ser entendido como “ressentimento” ou “misericórdia”. HARPER, *Amos and Hosea*, p. 405. Hubbard indica que a palavra provavelmente provém de *נחם*, “sentir pesar”, mas traduz como “compaixão” (HUBBARD, David A. *Oséias: introdução e comentário*. SCB. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 236). A. Weiser, segundo Martin-Achard, propõe ainda a ideia de “vingança” (*Da morte à ressurreição*, p. 110).

⁴⁸ DAY, John. “Hosea”. In: BARTON, John; MUDDIMAN, John (Eds.). *The Oxford Bible Commentary*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 577. W. R. Harper, seguindo no mesmo sentido, chega a interrogar seus leitores: “Como poderia 14a ser tido de qualquer outra forma senão como uma ameaça?” (HARPER, *Amos and Hosea*, p. 404).

⁴⁹ John Day indica aqui um reflexo da mitologia de Baal que, segundo o mito ugarítico de Baal, após este descer ao reino de Mot (morte), a terra seca e fica ressequida (DAY, “Hosea”, p. 577). Note-se que Oséias 13 é uma maldição oracular (FRANKLYN, Paul N. “Oracular Cursing in Hosea 13”. *Hebrew Annual Review*, 11 (1987), p. 69-80) decorrente da apostasia e adoração de Baal, cuja consequência é a morte (Os 13.1). Deus coloca-se como senhor da fertilidade, conduzindo o povo a partir do deserto, “terra muito seca” (v. 5), para terra de pasto (v. 6), e tendo o poder de destituir a terra de fertilidade (vv. 15-16). A seca prometida na profecia será implacável de tal forma que não será possível nem mesmo plantar “entre os juncos” (v. 15a). Apesar de algumas traduções acompanharem o TM e trazerem “entre os irmãos”, a imagem da seca fica mais adequada à ideia do fruto “entre os juncos”. Cf. DAY, “Hosea”, p. 577.

enquanto promessa, deve ser percebido como uma “exclamação de promessa no meio de um contexto que apenas ameaça”⁵⁰. Caso seja compreendido como uma ameaça, poderá, segundo W. R. Harper, ser lido de três formas diferentes, mediante percepções diferentes do uso do imperfeito:⁵¹

1) “*Eu os remi...*” – compreendendo o imperfeito como *frequentativo*, entende-se o texto como uma declaração de Deus de que já salvou seu povo inúmeras vezes, porém agora será diferente. O Deus salvador ameaça, nesta perspectiva, não mais conter o poder da morte sobre o seu povo tal como sempre o fizera;⁵²

2) “*Eu os remiria se...*” – compreendendo o imperfeito como *condicional*, o texto indicaria uma ameaça justificada. Efraim, desviando-se de Deus, perde sua proteção e, pelo seu pecado, acaba sendo condenado;⁵³

3) “*Deveria eu remi-los...?*” – compreendendo o imperfeito como *interrogação*, haveria uma ameaça decorrente da resposta negativa implicada nesta pergunta retórica, que indica uma reflexão divina em direção a uma mudança de postura, cujo resultado seria justamente não mais ter a compaixão de outrora (14c).

Porém, o contexto de ameaça, à qual John Day se refere, não inclui necessariamente todo o livro de Oséias, uma vez que este, além das recorrentes ameaças divinas, traz também consigo um brilhante fio de esperança, tal como se percebe em Oséias 6.2, outro texto bastante caro aos cristãos: “Depois de dois dias, nos dará a vida; ao terceiro dia, nos ressuscitará, e viveremos diante dele”. Em sua dissertação de PhD, Bertrand C. Pryce buscou indicar a presença da ideia de ressurreição em Oséias 5.8-6.6, estabelecendo relação com o texto de Oséias 13.14, o qual tomou como promessa de livramento, apesar do contexto de morte.⁵⁴

⁵⁰ HARPER, *Amos and Hosea*, p. 404. Mesmo Bertrand C. Pryce, que defende tal perspectiva de promessa, afirma que “em meio às expressões de morte e aniquilação, Oséias oferece uma solução na ressurreição” (PRYCE, Bertrand C. *The Resurrection Motif in Hosea 5:8-6:6: an Exegetical Study*. PhD Dissertation. Berrien Springs: Andrews University, 1989, p. 351).

⁵¹ HARPER, *Amos and Hosea*, p. 404.

⁵² Sentido indicado por Rashi (HARPER, *Amos and Hosea*, p. 404).

⁵³ Harper indica como defensores desta perspectiva Kimchi e J. G. Eichhorn, enquanto Martin-Achard aponta E. Reuss, que acrescenta em sua interpretação a continuação do versículo como indício de que a condição não foi cumprida (MARTIN-ACHARD, *Da morte à ressurreição*, p. 109-110).

⁵⁴ PRYCE, *Resurrection Motif*, p. 353. E. Sellin chega mesmo a afirmar que o verso 14 deveria estar no capítulo 14, como continuação do versículo 4ss, de modo que no capítulo 13 os versos 13 e 15 teriam uma continuação natural, que o verso 14 estaria interrompendo. Cf. MARTIN-ACHARD, *Da morte à ressurreição*, p. 110.

3. CRÍTICAS AO USO PAULINO DO TEXTO DE OSÉIAS

Há, portanto, uma notável diferença nos contextos teológicos de Oséias e de 1 Coríntios, de modo que alguns teólogos perceberam o uso paulino de Oséias como equivocados, questionando sua validade. Joseph A. Fitzmyer, por exemplo, apesar de indicar uma preservação de sentido na citação de Isaías 25 em 1 Coríntios, contesta tal preservação na citação paulina de Oséias: “Ele usa as palavras em um sentido completamente diferente, não apenas mudando uma palavra-chave, mas subtraindo as palavras de seu contexto original para servir a seu propósito”.⁵⁵

Outro teólogo, Robert Martin-Achard, entendeu que as palavras de Oséias são readequadas no contexto cristão por Paulo, de modo a transformar o que teria inicialmente um sentido negativo e fúnebre, em uma declaração positiva:

Alguns séculos mais tarde, o anúncio de Cristo ressuscitado, que torna reais as afirmações do profeta de Israel à luz da Páscoa, descobre nesta citação o anúncio do triunfo definitivo do Deus vivo sobre os poderes da morte; as palavras de Oséias, que em outro tempo ressoaram como um canto fúnebre aos ouvidos de seus contemporâneos, iniciam agora um hino de ação de graças à glória de Yahweh.⁵⁶

Nesta perspectiva, Paulo, enquanto pregador, adaptaria diversas ideias e sentenças aos seus argumentos, mesmo que caindo em contradições: afinal, Paulo não cita autores gregos⁵⁷ ao mesmo tempo que avisa seus leitores sobre os perigos da filosofia?⁵⁸ Paulo também, lembra Ivan Karadža,⁵⁹ recorda os perigos e a futilidade do pensamento filosófico em certos momentos,⁶⁰ enquanto em outros casos parece adaptar a filosofia para seus propósitos.⁶¹ Acontece, porém, que o uso que Paulo faz das “Escrituras”, ou seja, do Antigo Testamento, é diferente do seu uso da filosofia grega. Não se trata de textos e ideias para ilustrar ou somar à sua pregação, mas é justamente a base da mesma. No próprio capítulo 15 de 1 Coríntios Paulo inicia sua pregação sobre a ressurreição lembrando que tanto a morte de Cristo como sua ressurreição se deram “segundo as Escrituras” (vv. 3-4). Apesar de Paulo não indicar nestes versos iniciais a quais textos do Antigo Testamento se refere, é possível que

⁵⁵ FITZMYER, *First Corinthians*, p. 607.

⁵⁶ MARTIN-ACHARD, *Da morte à ressurreição*, p. 111.

⁵⁷ Cf. At 17.28; 1 Co 15.33; Tt 1.12.

⁵⁸ Cf. 1 Co 1.20; Cl 2.8; 1 Tm 6.20.

⁵⁹ KARADŽA, Ivan. “Paul’s understanding of death according to 1 Corinthians 15”. *KAIROS – Evangelical Journal of Theology*, 8/2 (2014), p. 166.

⁶⁰ Cf. 1 Co 1.19-24.

⁶¹ At 17.28s; 1 Co 9.19-23.

estivesse se referindo – também⁶² – a Isaías 25.8 e Oséias 13.14, citados no final do mesmo capítulo, ou melhor, da mesma construção teológica (vv. 54-55).

4. PAULO EM SEU CONTEXTO TEOLÓGICO

Outra perspectiva, porém, é possível. Calvino, percebendo a diferença marcante entre a profecia de Oséias e o uso paulino da mesma⁶³, não apenas busca indicar tal distância, como acaba por se posicionar afirmando que 1 Coríntios 15.55 não é uma citação de Oséias, mas antes uma reformulação de uma expressão religiosa popular corrente na época de Paulo:

Tenho plenamente firme em minha própria mente que ele [Paulo] nem mesmo pretendeu fazer uso do testemunho do profeta aqui, de modo a tirar vantagem de sua autoridade, mas, a propósito, simplesmente adaptou para o propósito pessoal uma expressão que passou para o uso popular, visto que, fora isso, ela era de cunho religioso.⁶⁴

Num primeiro momento, a posição de Calvino parece ser uma forma defensiva de lidar com um problema teológico bastante complexo que é o uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. Calvino parece fugir da questão indicando não se tratar de uma citação das Escrituras. Acontece, porém, que tal afirmação de Calvino pode encontrar fundamento em pesquisas recentes sobre 1 Coríntios 15.

Martinus C. de Boer, analisando 1 Coríntios 15.20-28, indica que nestes versos há afirmações paulinas (vv. 25 e 27) que, apesar de terem origem no Salmo 110.1 (LXX Salmo 109.1) e Salmo 8.6b (LXX Salmo 8.7b), não são necessariamente citações. As várias adaptações destes dois salmos no que parecem ser citações do NT sugerem que é possível que Paulo não estivesse citando ou mesmo aludindo às Escrituras (Salmos), mas aludindo a uma tradição cristológica que se valeu da linguagem dos Salmos em sua construção. É mesmo possível que esta tradição cristológica tivesse um papel proeminente nas comunidades paulinas, de forma a ser reconhecida pelos coríntios.⁶⁵ Em

⁶² Ivan Karadža indica que, apesar de Paulo não deixar claro a quais textos se refere, um dos textos de sentido messiânico mais confiável é o canto do Servo do Senhor (Is 53.1-12). Barker e Kohlenberger acrescentam ainda Sl 16.8-11, e Adalbert Rebić considera que tais “Escrituras” sejam textos como Os 6.2, Jn 2.1 e 2 Rs 20.5. Cf. KARADŽA, Paul’s understanding, p. 170, n. 7.

⁶³ Como bem ressaltou Calvino, embora seja compreensível a diferença do uso de certas palavras no texto (erro dos amanuenses gregos, segundo ele) por conta da semelhança de palavras, “alguém, estudando o contexto atentamente, perceberá quão longe divagavam daquilo que o profeta tinha em mente”.

⁶⁴ CALVINO, *Comentário*, p. 494-495.

⁶⁵ DE BOER, Martinus C. “Paul’s use of a Resurrection Tradition in 1 Cor 15:20-28”. In: BIERINGER, Reimund. *The Corinthian Correspondence*. Louvain: Louvain University Press: 1996, p. 642. Os textos de Efésios (1.20-23), 1 Pedro (3.21b-22) e Hebreus (1.3,13; 2.8; 8.1; 10.12-13; 12.2) parecem dar suporte a essa teoria.

1 Coríntios 15.27, logo após afirmar o que parece ser uma citação do Salmo 8.6 – “Pois todas as coisas submeteu debaixo dos seus pés” –, Paulo comenta sobre a afirmação com a expressão ὅταν δὲ εἴπῃ, “quando se diz...”. Além de não haver uma introdução referindo-se a esta frase como uma citação das Escrituras – “como está escrito...” –, há uma outra forma de alusão a esta frase, não indicando se tratar de um texto do Antigo Testamento, mas algo do conhecimento comum dos coríntios.⁶⁶

É possível, portanto, que tanto 1 Coríntios 15.20-28 quanto 1 Coríntios 15.55 não sejam citações do Antigo Testamento, mas alusões a tradições cristológicas cuja origem remonta a textos veterotestamentários. A fraqueza desta “tese de Calvino”, porém, é que não somente há uma semelhança demasiada entre 1 Coríntios 15.55 e Oséias 13.14,⁶⁷ como a citação das Escrituras se faz um ponto importante da construção teológica paulina.⁶⁸ Também a falta de uma introdução para a citação pode ser decorrente do fato de que a citação de Oséias vem logo em seguida à citação de Isaías, devidamente introduzida: “Então se cumprirá a palavra que está escrita...” (1 Co 15.54b), de modo que Paulo se vale da mesma introdução para duas citações diferentes das Escrituras, apresentadas como se fossem uma mesma citação, ao estilo de um *midrash gezera shava*.⁶⁹ A ideia de Calvino, portanto, apesar de não se confirmar, não pode ser prontamente rejeitada. Não se trata de uma tese unicamente defensiva e nem é uma ideia sem fundamento, mas antes possui sua qualidade e ainda não recebeu o devido reconhecimento. Seguindo a pista deixada por Calvino, pode-se ainda pensar em um uso indireto de Paulo, a partir de um movimento

⁶⁶ DE BOER, “Paul’s use”, p. 640.

⁶⁷ Apesar de haver diferenças marcantes, devidamente apontadas e ressaltadas no presente trabalho, são marcantes quando se pressupõe uma citação. No caso de não ser uma citação, mas uma alusão a uma tradição cristológica decorrente, as semelhanças ganham, evidentemente, proeminência.

⁶⁸ Tal como evidenciado por John A. Gillman, em 2 Coríntios 5.1-5 Paulo parece trabalhar de modo implícito com as Escrituras que estão explícitas em 1 Coríntios 15.50-57. Cf. GILLMAN, “A Thematic Comparison”, p. 449.

⁶⁹ HEIL, *Rhetorical Role*, p. 247. A respeito do texto de 1 Coríntios 15.54-55 ser um *midrash*, o texto de Morissette é particularmente importante (MORISSETTE, R. “Un midrash sur la mort (I Cor., xv, 54c à 57)”. *Revue Biblique*, 79 (1972), p. 161-188). Sobre a questão, Heil resume da seguinte forma: “usando o mecanismo exegético do *gezera shava*, Paulo em 1 Co 15.54b-55 adaptou e combinou dois textos distintos das Escrituras, Is 25.8a e Os 13.14b, pelas palavras ‘morte’ e ‘vitória’ que estes têm em comum, em uma única citação escriturística de profecia que funciona como uma unidade retórica poderosa cuja autoridade é baseada não em um texto particular das Escrituras mas na autoridade da Escritura em geral” (HEIL, *Rhetorical Role*, p. 251). E. E. Ellis indica que os rabis costumavam trazer juntas citações da Lei, dos Profetas e dos Escritos, cujas combinações usualmente eram formadas por palavras-chave importantes para o tema, lembrando das palavras “pedra” e “escolhido” na construção teológica de 1 Pedro 2.6-9. ELLIS, E. E. “How the New Testament uses the Old”. In: MARSHALL, I. Howard (Org.). *New Testament Interpretation: essays on principles and methods*. Carlisle: Paternoster, 1985, p. 201.

de adaptação que era comum nos *midrash*.⁷⁰ Desta forma, sendo uma alusão ou citação, não se trata necessariamente de uma deturpação, senão de uma interpretação e uso na construção retórica, própria de um *midrash*.⁷¹

Outro pesquisador importante, G. K. Beale, lembra que os autores do Novo Testamento podem ter utilizado uma exegese para além da histórico-gramatical ou de uma exegese descontextualizada, sendo uma *aproximação bíblico-teológica*, que “pode ser descrita como uma aproximação contextual canônica”.⁷² Portanto, não se valer do método histórico-gramatical não implica em deturpação do sentido do texto ou mesmo no desprezo do contexto do mesmo. Um exemplo disto são as regras hermenêuticas (*Middot*) do mestre fariseu Hillel, que, segundo Beale, “não demonstram nenhuma preocupação em mudar o significado dos textos do Antigo Testamento, mas que podiam também ser compatíveis com uma interpretação contextual do Antigo Testamento”.⁷³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe, por último, uma proposta de resposta à pergunta relativa à validade do uso paulino de Oséias 13.14 em 1 Coríntios 15.55. É evidente que, ao mesmo tempo que em um extremo muitos se sentirão imediatamente incomodados com a mera possibilidade de questionamento da autoridade da exegese paulina, no outro extremo haverá quem despreze imediatamente a exegese paulina por não ser a interpretação corroborada pelo método histórico-gramatical. Há, de fato, dois tipos de uso do Antigo Testamento no Novo Testamento:⁷⁴ 1) os usos do AT que se valem ou que estão de acordo com o método histórico-gramatical;⁷⁵ 2) o uso do AT no qual os autores do NT vão para além do significado histórico-gramatical do texto, apontando para o contexto do NT.⁷⁶

⁷⁰ As mudanças se davam muitas vezes em decorrência da vocalização, uma vez que o hebraico não possuía vogais (KEENER, *1-2 Corinthians*, p. 134).

⁷¹ A mescla de citações está presente em Mateus 21.5, que combina os textos de Isaías 62.11 e Zacarias 9.9. Em relação ao uso paulino do AT, os textos de Romanos 3.10-18 e 2 Coríntios 6.16-18 apresentam aglutinações de vários textos do AT despejados em sequência.

⁷² BEALE, G. K. “Did Jesus and the Apostles Preach the Right Doctrine from the Wrong Texts? Revisiting the Debate Seventeen Years Later in the Light of Peter Enns’s Book, *Inspiration and Incarnation*”. *Themelios* 32 (2006): 18-43, p. 21.

⁷³ *Ibid.*, p. 28. Sobre as regras hermenêuticas de Hillel, cf. LOURENÇO, João Duarte. *Hermenêuticas bíblicas: da Palavra às palavras em busca do ‘sentido’ da Escritura*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011, p. 123-125; 183-187.

⁷⁴ THOMAS, Robert L. “The New Testament use of the Old Testament”. *Master’s Seminary Journal*, 13/1 (2002), p. 80.

⁷⁵ O que Thomas indica como “usos literais do AT no NT” (THOMAS, “The NT use of the OT”, p. 80-82).

⁷⁶ O que Thomas indica como “usos não literais do AT no NT” (THOMAS, “The NT use of the OT”, p. 83-86).

Se tomarmos como verdade que 1 Coríntios 15.54-55 é um *midrash*, deveremos perceber tanto o uso de Oséias como de Isaías a partir da perspectiva judaica, na qual a Escritura é “uma palavra viva endereçada pessoalmente ao povo de Deus e a cada um de seus membros”,⁷⁷ o que permitiu a existência de diversos métodos exegéticos no judaísmo do tempo de Jesus,⁷⁸ assim como o próprio surgimento de diversos grupos religiosos judaicos, estabelecidos sobre suas respectivas interpretações.⁷⁹

É evidente, porém, que Paulo estabelece uma exegese não judaica, mas cristã, interpretando o Antigo Testamento a partir de seu cumprimento em Jesus Cristo, tal como indicado no início deste trabalho. Segundo Beale, a distância estabelecida por Paulo em relação à exegese judaica de seu tempo deve ser percebida junto a uma aproximação do Antigo Testamento, buscando percebê-lo não tanto pelos métodos interpretativos judaicos senão pelo uso que o Antigo Testamento faz de si mesmo,⁸⁰ e, principalmente, pelo uso que Jesus fez das Escrituras. Isto não significa, porém, que o uso paulino do Antigo Testamento não tenha semelhanças com a exegese judaica. Antes, significa que, apesar das semelhanças com a exegese judaica, trata-se de um membro de um “fenômeno hermenêutico único”, tal como inicialmente indicado por C. H. Dodd e posteriormente ressaltado por G. K. Beale.⁸¹

Resumindo, pode-se afirmar que o uso que Paulo faz de Oséias 13.14 em 1 Coríntios 15.55 se dá mediante alterações não somente no texto, como ainda em seu significado, desapropriando uma profecia relativa à condenação

⁷⁷ BLOCH, René. “Midrash”. In: CAZELLES, H.; FEUILLET, A. (Orgs.). *Dictionnaire de la Bible: Supplément*. Vol. 5. Paris: Le Touzey, 1950, coluna 1266. Ellis, seguindo a perspectiva de Bloch, afirma que a essência do *midrash* é “a contemporização da Escritura de forma a aplicá-la ou fazê-la significante para a situação atual” (ELLIS, *How the NT uses the Old*, p. 202). Tal contemporização poderia ser realizada de forma explícita, no padrão “texto + exposição”, ou ainda de forma implícita, com alterações interpretativas de textos do Antigo Testamento (ELLIS, *How the NT uses the Old*, p. 202). Outros autores como G. Porton defendem um uso mais restrito do termo “midrash”. Cf. ENNS, Peter. “Response to Professor Greg Beale”. *Themelios*, 32/3 (2007), p. 7. Vale a pena conferir LONGENECKER, “Can we reproduce”, p. 4-7.

⁷⁸ João Duarte Lourenço indica como métodos estruturantes da exegese judaica, além do Midrash, o método hagádico e o método halákico. Cf. LOURENÇO, *Hermenêuticas bíblicas*, p. 128-147.

⁷⁹ Sobre estas diferentes perspectivas hermenêuticas, cf. LOURENÇO, *Hermenêuticas bíblicas*, p. 148-156. Segundo Longenecker, estas interpretações variavam em relação ao ponto de partida do empreendimento exegético e em relação ao propósito do mesmo (LONGENECKER, “Can we reproduce”, p. 15).

⁸⁰ BEALE, “Revisiting the debate”, p. 29-30.

⁸¹ BEALE, G. K. “Did Jesus and the Apostles Preach the Right Doctrine from the Wrong Texts? An examination of the presuppositions of Jesus’ and the apostles’ exegetical method”. *Themelios*, 14 (1989), p. 89-96. Longenecker também evita colocar os autores do NT como dependentes da “tradição” judaica, porém afirma que o método hermenêutico do NT é vinculado à exegese judaica daquele contexto, estabelecida sobre quatro fundamentos: literalista, *midrash*, *peshet* e alegórico. Cf. LONGENECKER, Richard N. *Biblical Exegesis in the Apostolic Period*. 2 ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

de Israel de suas palavras, e construindo uma nova perspectiva profética, reelaborada, da vitória de Jesus Cristo sobre a morte. Paulo, portanto, não altera o sentido do texto, mas vale-se dos ecos do mesmo: as palavras que antes faziam parte de um anúncio de morte não apenas servem como argumento como ainda se tornam uma esperança profética da comunidade cristã.⁸²

ABSTRACT

In 1 Corinthians 15:55, Paul uses the text of Hosea 13:14 to argue about the victory of Jesus Christ over Death, through resurrection, which he discusses in chapter 15 of 1 Corinthians. The reference to the text of Hosea, which appears together with a quotation of Isaiah (25:8), seems not only different in words but even compared to the prophet's original meaning. This article aims to analyze the use of the text of Hosea in Paul's theological and rhetorical construction, and evaluates the hermeneutical movement that Paul performs to seize Hosea's words from the Old Testament as a Christian Scripture. To do so, this article presents a comparison between the texts of Hosea 13:14 and 1 Corinthians 15:55, identifying the conceptual, linguistic, and theological similarities and differences, and even proposing an explanation to Paul's hermeneutic movement, which makes the Old Testament prophecy to be read as Christian Scripture.

KEYWORDS

Resurrection; Old Testament in the New; 1 Corinthians; Hosea.

⁸² Se a profecia não era já um dito da tradição cristã, tal como sugeriu Calvino, é possível que, a partir de seu uso em 1 Coríntios, tenha se tornado ao longo do tempo. O fato de a tradução de Teodócio (Uncial Q) de Isaías 25.8 ser igual a 1 Coríntios 15.54 pode ser resultante da força que a passagem ganhou naquele contexto.

